AVEIRO, 29 DE DEZEMBRO DE 1978 — ANO XXV — N.º 1230

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

... no LARGO DAS CINCO BICAS

será que o fontenário já destoa?!

AMARO NEVES

AQUI a poucos quilómetros de Aveiro, numa aldeia bem característica e excepcionalmente dotada pela Natureza, existiu, outrora, uma pequenina capela, humilde na traça e pobre no interior, mas que era uma chama viva, um centro de fé e devoção que atraía romeiros de todo o centro do País aos pés de Nossa Senhora da Saúde. Era pequena, claro, e estava a ficar relativamente velha para os padrões estéticos dos nossos tempos! Daí que, hoje, as gerações mais novas não tenham já a possibilidade de emitir, acerca dela, qualquer juízo de valor.

Carregada de anos, de promessas e de dramas, desapareceu, para dar lugar a uma outra, recente, talvez mais bonita (numa povoação onde nem sequer faltava espaço para existirem as duas, à falta de melhor solução!). Não cresceu, porém, a fé dos devotos que, em romaria, demandavam a velha capelinha. E esta era, sem dúvida, um marco importante a testemunhar o crescimento sócio-económico e devoto daquela comunidade rural.

Actualmente, duma povoação que conta, de si, várias centúrias de existência, comprovadas documentalmente, nada de arquitectura lhe resta, anterior ao séc. XIX.

É uma pena que assim seja! Quando aos mais novos se quiser contar a História daquela terra e da sua gente ... que frustração, que mau exemplo! Eles terão o direito de perguntar e responsabilizar seus ancestrais, porque lhes esbanjaram e destruíram a «herança» dos antepassados, a «memória colectiva» da sua terra natal.

*

E se em todas as aldeias se tivesse feito como na mi-

Continua na página 3

À atenção do PRIMEIRO MINISTRO

LÚCIO LEMOS

SENTI ser meu dever. Dever de português, dever de «velho» amigo e admirador. No dia seguinte àquele em que o Governo do Prof. Mota Pinto passou na Assembleia da República, escrevi uma carta ao Primeiro Ministro do 4.º Governo Constitucional, não para lhe dar os parabéns, mas para lhe desejar, de todo o coração, as maiores felicidades no desempenho das extremamente ingratas funções de que foi investido num dos períodos mais críticos da história portuguesa. Aproveitei a oportunidade para lhe solicitar toda a sua atenção face a dois pontos importantes da actividade nacional.

Não farei referência ao primeiro desses pontos porque ele está fora do âmbito do apontamento que decidi escrever para este número — o último de 1978 — do «Litoral».

Passo, isso sim, a reproduzir, integralmente, o que escrevi na carta que dirigi ao Doutor Mota Pinto quanto ao segundo ponto, completamente distinto do primeiro, mas não destituído do mesmo interesse nacional.

«Os Bombeiros deste nosso querido Portugal (ao grupo dos quais orgulhosamente pertenço como Comandante que sou, desde há 16 anos, do Corpo Privativo do Centro Cacia, da Portucel, e membro do Conselho Fiscal da Liga dos Bombeiros Portugueses, como também sou, desde 1974) têm vindo, desde há muito, a

Continua na página 5

AS NOSSAS ESTRUTURAS ADMINISTRATIVAS

CUNHA AMARAL

I

Nem interessa, na análise que vamos fazer, a investigação das origens históricas das estruturas da Administração Portuguesa e dos princípios geradores nelas implícitas, nem para tal investigação nos sentimos aptos. Partindo duma situação existente de facto, vamos tentar anilasar a influência que tais estruturas têm tido na vida da Nação Portuguesa e que transformações se impõe realizar para que o país saia da estagnação em que se encontrava, donde nem o 25 de Abril conseguiu arrancá-lo.

Parece incontroverso que com o advento da ditadura salazarista e com o desenvolvimento do Corporativismo, toda a Administração Pública foi evoluindo no sentido duma centralização de poderes, a todos os níveis, centralização esta que fortemente se foi acentuando, apesar da criação do Secretariado da Reforma Administrativa.

Os municípios viram o seu poder de decisão continuamente limitado, quer por disposições legais para isso criadas, quer por falta de capacidade financeira, originada pela diminuição das fontes de receita, quer ainda pelos encargos obrigatórios que, mais devendo constituir encargos do próprio Estado, este deles se aliviava, atirando-os para cima dos Municípios.

É certo que através de comparticipações, o Estado vinha auxiliar as Câmaras na satisfação de algumas das mais prementes necessidades, tais como, abastecimentos de água e saneamento e outras obras de interesse local. Ao longo de largos anos, realizou-se uma obra positiva, sem dúvida, mas quantitativamente insuficiente, em face das carências que de todos os quadrantes são hoje apontadas.

Foi este centralismo administrativo grandemente responsável pelas desigualdades na repartição de verbas e nos objectivos alcançados. Com efeito, a proximidade da Capital ou o facto dum concelho ser atravessado pela linha férrea Norte-Sul, dava ao respectivo presidente da Câmara possibilidades que os doutros concelhos não tinham; nem o presidente da Câmara de Bragança, nem o de Vila-Real, para citar alguns exemplos, tinham as mesmas facilidades de deslocação que lhes permitissem andar pelas Direcções Gerais ou pelas Secretarias de Estado, insistindo pelo andamento de processos e pedindo comparticipações e subsídios! Assim, mesmo sem qualquer intenção discriminatória por parte da Administração Central, uns iam sen-

Continua na página 3

Em que se fala do aveirismo (entre outras coisas) e do infortúnio de se ser "Talabrico-Lusitanus" ou JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

JOAQUIM CORREIA

«Somente acontece que, não obstante as razões de preito que lhe dedico e a que me mantenho fiel, no ensejo, lhe não haveria dado o meu voto».

EDUARDO CERQUEIRA

... Estou pois em pleno à vontade para discordar de Eduardo Cerqueira. Não só quanto ao processo, em minha opinião puramente democrático e suficientemente expressivo, que levou à escolha de Mário Sacramento para patrono da Escola Técnica de Aveiro, como ainda quanto à escolha em si. A escolha de Mário Sacramento honra os professores que a fizeram, honra a escola e a cidade onde trabalham — que é a mesma onde viveu Mário Sacramento honrando com a sua vida, com a sua acção e com a sua obra, Aveiro e o país a que todos pertencemos.

Mas não vou, depois de Eduardo Cerqueira, numa ligeira penada, ter relegado para plano secundário Mário Sacramento e ter feito o panegírico de João Jacinto de Magalhães, fazer agora, por meu lado, o elogio daquele e a destruição deste. Se há quem, dando-se ao trabalho de exumar cadáveres, se deleite entretanto em enterrar os vivos, eu deixo tais tarefas a quem nelas se compraz. Mário Sacramento não precisa de que eu, nem nenhum dos seus admiradores o exumemos, porque ele está vivo. Em contrapartida, acho

Continua na página 7

1979

a. torres

— Que vê aí sobre o ANO NOVO?
— Vejo um FRANGO na púcara...
— Mau!... que diabo de significado pode ter isso?!!
— Não sei bem... está tudo muito nebuloso!

OS TRANSPORTES DE S. JACINTO

ALBANO FERREIRA SIMÕES

II

No artigo anterior prometemos responder à pergunta que deixámos em suspenso no final, sobre o motivo por que se não aplicou parte da soma gasta nos acessos e pontões que eram destinados ao «ferry-boat», na melhoria das condições de atracação e desembarque dos passageiros das lanchas, em S. Jacinto.

De facto, quem desembarque em S. Jacinto tem de o fazer pela rampa da ponte onde a lancha da carreira atraca e, quando a maré estiver baixa, terá de se precaver pois, se o não fizer, fica sujeito a terminar ali a sua vida, a ir parar ao hospital ou, pelo menos, tomar um banho forçado na Ria, se alguém o conseguir retirar de lá pois, de contrário, poderá mesmo realizar o seu último passeio como um vulgar submarino, quando imerso.

A confirmar que assim poderá acontecer, esclareço que no último dia do mês de Outubro findo assisti, ao desembarcar ali, a mais uma queda, quando um dos passageiros, ao colocar o pé na rampa, devido aos limos fixados no cimento da mesma e que na baixa-mar ficam a descoberto, escorregou, estatelou-se de costas e bateu com a cabeça no cimento, ficando com as pernas dependuradas para a Ria, completamente inanimado. Valeu-lhe a rapidez com que foi seguro (por homens que deram os braços em género de corda)

Continua na página 8

DESEJA AOS SEUS COLABORADORES, LEITORES E ANUNCIANTES, BEM COMO A TODOS OS AVEIRENSES UM

Feliz-79

HOTEL IMPERIAL
AVEIRO

GRANDE "REVEILLON" 1978/1979

Com a colaboração dos conjuntos

Mandrágora

e

Improviso

Reservas pelo telef. n.º 22141/2/3/4

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— *garantia de qualidade e bom gosto* —

aleluia

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL

Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

VENDEM-SE

2 Austins Cambridge Diesel.

Informa: Telef. 22622

TRESPASSA-SE

Café-restaurante bem situado, com clientela. Motivo à vista.

Resposta ao n.º 116.

VAI A LISBOA?

HOSPEDE-SE NO HOTEL LIS

★ ★

SITUADO NA AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 180

Telefones 563434 e 537771

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços

ESTUDOS ECONÓMICO - FINANCEIROS

SERVIÇOS DE CONTABILIDADE

STOCKS por computador

ASSISTÊNCIA E ORGANIZAÇÃO

UMA EQUIPA DE CONTABILISTAS, CONSULTORES E TÉCNICOS AO SEU SERVIÇO

E. S. E. — Estudos e Serviços para Empresas, Lda.

Av. 25 de Abril, 46-2.º-D.º e Cave

Telefone 72262 — Apartado 193 AVEIRO

TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AVEIRO

BOMBEIROS VELHOS	22122
BOMBEIROS NOVOS	22333
P. S. P.	22022
	22133
HOSPITAL DA MISERICÓRDIA	22134
	25006
	25007
CASA DE SAÚDE DA VERA-CRUZ	22011
POSTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE	27571
AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL	22671
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES	24485
C. T. T.	23151
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS	23056
TAXIS — PR. MARQUÊS DE POMBAL	24575
— ESTAÇÃO	22943
— PONTES	23766

---

quando o PASSADO se transforma em FUTURO

a experiência adquirida
a segurança
o dinamismo do presente

1979

1975

1891

GRUPO SEGURADOR MSA

uma nova imagem de seguros

Publirama

EM QUALQUER ÉPOCA

GALERIA ICONE

de Mário Mateus

Faça as suas compras na Rua do Gravito, 51 — AVEIRO

(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELÔS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

PAPÉIS
ALCATIFAS

LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

---

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101

Apartado 409

S. BERNARDO - AVEIRO

Telefone 25023

VENDE-SE

Prédio de r/chão e 1.º andar, no Cais do Paraíso, n.ºs 11-12, em Aveiro, com ARMAZÉM DEVOLUTO, no r/chão — cerca de 70 m2. Preço: 1.000.000$00.

Informa: Telef. 25206.

J. RODRIGUES PÓVOA

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS

RAIOS X

ELECTROCARDIOLOGIA

METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.

Telefone 23375

A partir das 13 horas com hora marcada

Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-8.º — Telefone 22750

EM ÍLHAVO

no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas

Em Estarreja - No Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

---

ARRENDA-SE

Armazém com 1100 m2 em Aveiro. Trata: Manuel Fernandes Rangel — Garagem Atlantic — Aveiro.

HERNÂNI

tudo para DESPORTO

Rua Pinto Basto, 11

Telef. 23595 — AVEIRO

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4 - 1.º - Esq.º

AVEIRO

VENDE-SE

FIAT 600, reparado de novo. Estado impecável

Tratar pelo telefone 25480.

Em que se fala de aveirismo (entre outras coisas) e do infortúnio de se ser «Talabrico-Lusitanus» ou João Jacinto de Magalhães

Continuação da 1.ª página

que tudo o que se possa fazer em prol de João Jacinto de Magalhães, no sentido da sua recuperação para a vida, é merecedor de todo o meu aplauso. É preciso que Aveiro saiba finalmente quem foi João Jacinto de Magalhães!

O que me parece, entretanto, é que os termos em que Eduardo Cerqueira se refere aos docentes da Escola Técnica, não ficam bem a nenhum Aveirense digno da memória de Mário Sacramento nem talvez da de João Jacinto de Magalhães. Por outro lado, as lições de democracia que Eduardo Cerqueira pretende dar, iluminando-as à luz do seu conceito de aveirismo, merecem dos aveirenses uma certa reflexão.

•

Como se sabe, tudo nasceu da escolha de patronos a que a Escola Técnica e a Escola Secundária tiveram de proceder sob determinação do ministério respectivo. As direcções de ambas as escolas, embora tivessem poderes para o fazer directamente, quiseram alargar esse acto à participação de todos os docentes. Na primeira, entre vários candidatos livremente propostos, foi o nome de Mário Sacramento o que recolheu maior número de votos. Na segunda, em consequência de igual procedimento, foi Homem Christo o mais votado. Pois bem, perante resultados obtidos a partir de iguais processos de eleição — são completamente diferentes as atitudes de Eduardo Cerqueira. Quanto à Escola Secundária, «numa reunião do corpo docente expressamente convocada», diz ele, e «numa manifesta demonstração de preferências pluralistas», escolheu «o que eu também suponho o mais representativo aveirense deste século, o grande e singular jornalista-panfletário Homem Christo». Aqui, «este conjunto de professores, ao opinar em democrática votação (...) manifestou-se em harmonia — estou seguríssimo de que me não engano — com a gente de Aveiro e com o espírito mais escorreito e mais ajustado ao que, no somatório, vem a constituir a alma colectiva que costumamos sintetizar no termo aveirismo». No que toca porém à Escola Técnica, já, segundo Eduardo Cerqueira, «os professores afinam por um diapasão que não é o do sentimento e das razões genuínas de predilecção da gente que verdadeiramente pode e sabe exprimir Aveiro». Nesta escola os professores escolheram Mário Sacramento, facto lamentável para Eduardo Cerqueira, e que ele só pode atribuir à falta de identificação de «uma boa parcela dos professores» com o aveirismo: «Estão inidentificados connosco e, de Aveiro, ao fim e ao cabo, apenas conhecem o caminho para a Escola — transitória *base de sustentação* — e o de ir embora!...» Não deviam ter, pois, o direito a pronunciar-se já que, nesta matéria, são uns «opacos analfabeos», «néscios, e da mais vácua, ou mais espessa e impenetrável ignorância».

Colocando as coisas nestes termos Eduardo Cerqueira leva-nos assim a concluir que na Escola Técnica, pessoas estranhas à cidade de Aveiro ousaram, por métodos não democráticos, impor o nome de Mário Sacramento, ao contrário do que se passou na Escola Secundária, onde «numa manifesta demonstração de preferências pluralistas», os professores, todos de Aveiro e plenamente identificados com aveirismo, escolheram Homem Christo. O que é uma monstruosa calúnia, tenho de o dizer a Eduardo Cerqueira, a quem, pela sua idade e pelo respeito que me merece, nunca supus ter de vir a fazê-lo. Com efeito, e ao contrário do que Eduardo Cerqueira deixa concluir, na Escola Técnica, onde primeiramente se realizaram as eleições, não foi só Mário Sacramento e Homem Christo que foram apresentados como candidatos a patronos. Além destes foram propostos os nomes de Jaime Magalhães Lima, de Fernando Caldeira e de Fernão de Oliveira. Foi de entre este conjunto de nomes que saiu mais votado o nome de Mário Sacramento. Por outro lado, se nesta escola votaram professores não naturais de Aveiro e aqui não radicados, o mesmo aconteceu na Escola Secundária. Por que não o referiu Eduardo Cerqueira? Por que lhe interessa sobretudo retirar o nome de Mário Sacramento da Escola Técnica. Mas, se é o nome de Mário Sacramento que o incomoda, podia mostrá-lo de outra maneira. Para que se põe a fantasiar sobre uma pseudo ilegalidade eleitoral atribuindo-a ao facto de serem de fora de Aveiro os professores que o elegeram? É que, também na Escola Técnica, além de ter sido pluralista e democrática a votação — ela foi secreta. Tanto podiam ter sido de Aveiro como de fora de Aveiro os votos que foram para Mário Sacramento. O mesmo tendo acontecido em relação a Homem Christo nesta escola e na Escola Secundária. Só pelo dom da omnisciência é que Eduardo Cerqueira podia ter tido a revelação da verdadeira origem dos votos. Só assim, autoinstituindo-se em sumo sacerdote da religião do aveirismo é que de facto Eduardo Cerqueira, situado entre os crentes e a divindade, podia ter chegado a tais conclusões. Mas a verdade é outra. É que, para este recém-democrata, todos os processos de eleição estão certos desde que conduzam a resultados que lhe agradem. Todos os processos de eleição estão errados desde que não conduzam a esses mesmos resultados. Se assim não fosse ele não se sairia com tão peregrinas lições de democracia e de aveirismo como as que, ex-cátedra, ao velho modo dos «czares Basílios de borla e capelo», proferiu aqui nas colunas do *Litoral*.

Com efeito, se assim não é — e é com intenção de ver a pura expressão dos sentimentos aveirenses na escolha do patrono da Escola Técnica que apela para um plebiscito ao nível da cidade inteira — por que razão não faz o mesmo no que toca à Escola Secundária? E por que é que não se manifestou na altura devida contra a escolha feita (que eu saiba por métodos não plebiscitários), dos patronos para as restantes Escolas Secundárias de Aveiro? Por que concordou com a escolha de Aires Barbosa? E com a de João Afonso de Aveiro? Desconhece Eduardo Cerqueira que este ilustre João Afonso, de acordo com provas reveladas pela investigação de um historiador aveirense, nem sequer teria sido de Aveiro? Mas então em que momentos particulares da vida de Aveiro se deve recorrer ou não ao plebiscito?

Bem sei. A pedra de toque que serve para aferir da adequação ou não de um patrono numa escola, é o aveirismo. Todos os patronos das escolas secundárias aveirenses mereceram o «aprobatur», o «nihil obstat» do aveirismo — com eleições ou sem elas, com ou sem plebiscitos. Só a Escola Técnica é que fugiu à regra. Aqui foi Mário Sacramento escolhido, mas tem de ser substituído por João Jacinto de Magalhães. Um nome que nem sequer foi proposto à votação. Manda o aveirismo.

Mas o que é o aveirismo? O aveirismo devia consistir numa específica forma de estar no mundo só característica dos aveirenses. Devia de reflectir um certo tipo de comportamento, inconfundível entre os cidadãos deste país, que se traduzisse numa certa fidelidade a tradições e a valores culturais próprios, numa certa intransigência na defesa do seu património histórico e cultural, no respeito e vontade de imitar os seus maiores, exactamente aqueles que, a despeito de serem de Aveiro, ou por isso mesmo, ousaram projectar-se para lá dos limites de Aveiro, com o seu exemplo de trabalho, de estudo, de dedicação aos problemas da humanidade, às ciências e às artes. Seria bom que assim fosse. E que os nomes de José Estêvão e de Homem Christo, tão insistentemente invocados por Cerqueira, mais do que simples memórias, fossem vivências autênticas no espírito dos aveiristas. Nesse caso o nome de Mário Sacramento não levantava as polémicas que levantou pela pena de Eduardo Cerqueira. O que acontece é que o aveirismo é outra coisa, e tanto dá para enfunar a retórica de Eduardo Cerqueira como para se deslisar no silêncio da lama comprometedora, como as enguias, quando se destrói uma Casa Museu José Estêvão, ou quando se limpa o nome do grande tribuno da fachada do Liceu. Mário Sacramento, e outros aveirenses que não costumam inchar as bochechas com o aveirismo, não se calaram e não ficaram quietos.

Conclui na página 6

...no LARGO DAS CINCO BICAS

será que o fontenário já destoa?!

Continuação da 1.ª página

nha? De tão ricos em modernidade, nada restaria, hoje, feito pelos mais velhos, dos seus gostos, da sua vida cultural... Passaríamos parte da nossa existência a desfazer o antigo e outra parte a fazer novo, para ser desfeito após a nossa morte. Triste ciclo de vida!

*

Na minha aldeia, como aqui, o espírito colectivo parece o mesmo. Numa cidade que não sofre de falta de espaço, pessoas responsáveis consentem (e apoiam?!) a destruição de edifícios que, no seu conjunto, eram a beleza e harmonia de praças, ruas, avenidas, bairros. Os exemplos são tantos em Aveiro que seria fastidioso enumerá-los. Um, no entanto, gostaríamos de referir, a título exemplificativo — o LARGO DAS CINCO BICAS!

Conheci-o quando calcorreava, por estas paragens, o caminho da escola. Era realmente uma praça harmoniosa à escala de Aveiro, em que o belo fontenário sobressaia, altivo, na proporção dos edifícios circundantes. Modesta, sim, mas uma praça! O próprio fontenário é um rico exemplar escultórico, dos mais elegantes da cidade, da segunda metade do séc. XIX. Foi concebido para uma praça do seu tempo.

Depois... um edifício se ergueu a Sul, arrogante, como se convencido de que o mais alto é o melhor e de que os outros não têm direito ao sol que o Criador destinou a todos por igual. Depois... um outro, a Nascente, para provar que tem o mesmo direito do vizinho do lado. Depois... em vez dum rico exemplar arquitectónico desaparecido há meses (e para o qual alertámos a opinião pública em sessão de 8 de Junho passado, no Salão Nobre do Museu) vai-se erguendo outro de todo o tamanho, a avaliar pela estrutura. Depois, bem... depois, apenas a opinião de alguém que gostava que Aveiro não perdesse a sua fisionomia, dirigida para quem superintende nestas coisas — o fontenário já destoa!

Cada praça, cada rua, cada beco, tem a sua harmonia, o seu equilíbrio, a sua concepção arquitectónica. É evidente que Aveiro precisa realmente de novas construções civis, com novos estilos, enquadrados no seu conjunto, em zonas que não atentem contra o «legado» da cidade. Há espaço para isso, numa urbe que precisa de se alargar. Mas ali... onde já pouco existe da simples, mas proporcionada, praça dos finais de oitocentos, francamente... só faltaria tirar o belo fontenário que (quem sabe?!) estará ali a mais... para alguns...

AMARO NEVES

As nossas estruturas administrativas

Continuação da 1.ª página

do preferenciados em detrimendoutros; da presença contínua de alguns, resultavam benefícios, certamente à custa das ausências doutros! Deste modo, gerou-se um princípio de injustiça pela qual a própria Administração era responsável, mesmo que inconscientemente. Isto era, e é, uma consequência inevitável das defeituosas estruturas administrativas existentes.

Não se julgue que, existindo Serviços Regionais (distritais em geral) representando localmente os Serviços Centrais (Direcções Gerais), estes Serviços Regionais poderiam resolver os problemas, evitando as deslocações a Lisboa, dos interessados, fossem eles quais fossem, presidentes de Câmaras ou entidades particulares; o poder de decisão destes Serviços locais era limitadísimo, praticamente nulo, tendo sempre de levar os assuntos à consideração superior dos senhores Directores Gerais que eram, e aliás continuam a ser, os agentes através dos quais o poder central (ministérios) exerce a sua acção.

Certamente que muitos dos passageiros que, entre Porto e Lisboa, viajam nos comboios rápidos, são pessoas que se deslocam à Capital para tentar solucionar problemas que facilmente resolveriam localmente, se a nossa Administração fosse descentralizada. Com esta centralização, com esta total dependência da Administração Central, a vida Administrativa Regional e Local caiu num autêntico marasmo, desaparecendo aos poucos o espírito de iniciativa e de responsabilidade das pessoas colocadas à frente destes órgãos administrativos.

Era, e é, frequentíssimo ouvirmos dizer, a respeito de qualquer assunto, que ele se encontra em Lisboa onde aguarda decisão na respectiva Direcção Geral. O papel que aos Serviços Distritais cabe na resolução destes problemas é praticamente sem significado, pois se limita à informação dos assuntos e ao seu envio às Direcções Gerais para decisão. Recentemente, em alguns Ministérios reestruturam-se as Direcções Gerais, criando-se Direcções de Serviços Regionais, englobando vários distritos; por delegação de poderes, transfere-se para estes Serviços Regionais alguma capacidade de decisão. É evidente que não é com arranjos desta natureza que vamos realizar a verdadeira Reforma Administrativa.

Continuaremos.

CUNHA AMARAL

À atenção do PRIMEIRO MINISTRO

Continuação da 1.ª página

aguardar a aprovação (será agora?) do Serviço Nacional dos Bombeiros (de grande e decisiva importância para um melhor socorrismo, a nível nacional) ao mesmo tempo que esperam do Governo todo o apoio quanto ao seguro do pessoal e das viaturas. Um e outro assunto são já do conhecimento do Ministro da Administração Interna (que transitou do 3.º Governo) e foram os temas fulcrais do último Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses, realizado no Estoril, de 3 a 8 de Outubro último.

Espero que o meu caro Mota Pinto se faça, por Amor, Bombeiro como os 30 000 que existem no País.

Foi isto que escrevi ao Primeiro Ministro esperançado em que, no momento oportuno, ele não deixaria (nem deixará) de estudar os problemas mais graves que afligem as corporações do País, com especial relevância para o caso dos Bombeiros Voluntários, os mais sacrificados e os mais desprotegidos em apoios e em estímulo de que tanto carecem.

Entretanto, «aconteceu» que, quando coloquei a carta no marco do correio, estava muito longe de pensar que, nessa altura, já havia sido publicado no «Diário da República», de 9 do corrente mês, o Decreto-Lei n.º 388/78, do Ministério da Administração Interna (Gabinete de Apoio às Autarquias Locais), o qual cria, no referido Gabinete, o Conselho Coordenador do Serviço de Bombeiros (CCSB).

O Decreto-Lei n.º 388/78, que havia sido promulgado em 30 de Novembro último, compreende 7 artigos, nos quais se fala da composição do Conselho Coordenador do Serviço de Bombeiros, da sua competência, da competência do Presidente desse Conselho, dos serviços do Gabinete de Apoio às Autarquias Locais que terão a seu cargo os serviços de apoio ao CCSB, do papel das Inspecções dos Serviços de Incêndios das Zonas Norte e Sul.

No preâmbulo do Decreto a que me tenho vindo a referir diz-se, em certa passagem, que «as modificações estruturais introduzidas e sobre as quais foi oportunamente ouvida a Liga dos Bombeiros Portugueses, constituem apenas um primeiro passo, de carácter transitório, para a reformulação de toda a estrutura orgânica dos serviços de incêndios, em ordem à execução possível e gradual de soluções preconizadas pela Comissão de Reestruturação do Serviço Nacional de Incêndios, ditado pela extrema urgência que existe em obter maior capacidade de resposta administrativa e orçamental para as necessidades prementes que vêm surgindo, já que tudo indica ser tal reformulação a meta desejada».

Dado que o que foi escrito no preâmbulo, tal como o que foi decretado, não corresponde aos anseios dos Bombeiros de Portugal, bem expressos na aprovação que, por unanimidade, deram ao projecto, que pretendem ver em vigor, do Serviço Nacional de Bombeiros (basta ler as conclusões do XXIII Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses, realizado no Estoril), está prevista a realização de uma reunião (extraordinária) de Delegados Distritais, marcada para o próximo dia 6 de Janeiro, na sede da Liga, em Lisboa, para apreciação do Decreto-Lei n.º 388/78 e discussão de toda a problemática do socorrismo que, por parte dos Bombeiros, com ele se relaciona.

Esperemos que não tenha de ser o Primeiro-Ministro a arbitrar uma questão que, desde há muito, já devia estar resolvida de acordo com as conclusões unanimemente aceites pelas corporações de Bombeiros do País, em assembleias democraticamente realizadas com larga afluência de participantes, na qualidade de dirigentes e comandantes dessas mesmas corporações.

LÚCIO LEMOS

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MOURA
Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
Segunda	ALA
Terça	AVEIRENSE
Quarta	AVENIDA
Quinta	SAÚDE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

MOVIMENTO DE AGRICULTORES E RENDEIROS DO NORTE (MARN)

Com o pedido de publicação, recebemos, no dia 26 do corrente, da Comissão Coordenadora do Distrito de Aveiro do MARN, com sede em S. João da Madeira, o seguinte texto:

RENDEIROS DO DISTRITO DE AVEIRO APOIAM ALTERAÇÕES À LEI 76/77

Em reuniões de Rendeiros recentemente efectuadas em Nogueira do Cravo, Macieira de Cambra e Esgueira-Aveiro continua a verificar-se a existência de bastantes casos de Rendeiros ameaçados de despejo. Por todo o Distrito é opinião dos Rendeiros de que esta Lei contém disposições injustas que permitem todos os atropelos aos senhorios e não garante a defesa dos Rendeiros.

Encontrando-se em apreciação pública dois projectos de alterações à Lei, Rendeiros de diversos locais têm feito abaixo-assinados pedindo a urgente aprovação das alterações e apelam para que elas tenham efeito nos casos que se encontram em Tribunal.

Vários Rendeiros do concelho de Aveiro escreveram ao Grupo Parlamentar do P.S. apelando para que altere o artigo 3.º do seu projecto de alterações de forma a beneficiar os Rendeiros que se encontram actualmente ameaçados.

O Projecto de Lei que regulamenta as Comissões Concelhias de Arrendamento Rural tem sido também apoiado.

A Comissão Coordenadora do Distrito de Aveiro do MARN pediu uma audiência à Comissão de Agricultura e Pescas da Assembleia da República a fim de lhe expor a situação dos Rendeiros do Distrito e dar a sua opinião sobre os diversos assuntos em discussão.

CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL

Como já tivemos oportunidade de noticiar, realizaram-se eleições: no dia 2 do corrente, e na sede do C.D.S., em Aveiro, da Comissão Executiva Concelhia da Juventude Centrista; e no dia 16, em Ovar, dos novos órgãos distritais do Partido.

Damos hoje o resultado dos sufrágios — o que, antes, não fizemos, como então referimos, por falta de espaço.

A Comissão Concelhia Executiva da JC ficou assim constituída: Presidente, Jorge de Paiva e Cunha; Vice-Presidente, João Artur Capão Filipe; Secretário, Luís Miguel Capão Filipe; Tesoureiro, João Manuel Soares Godinho; Vogais, Mário José Pascoal, Silvério Fernando Silva Rebelo e Manuel José Pinheiro e Silva Santiago. Comissão de Admissões, Fiscalização e Disciplina: Presidente, Helder Ramos Monteiro; Vogais, João Pedro Simões Dias e José Manuel dos Santos Silva Tavares.

Para os órgãos distritais foram eleitos: Mesa da Assembleia Geral, Dr. Mário Gaioso Henriques (Presidente), António Manuel Soares Machado e prof. Henrique Manuel Marques Domingues (Secretários), sendo suplentes, respectivamente, Dr. Manuel Santiago e Costa, Helder Ramos Monteiro e Luís Manuel Pereira de Almeida; Comissão Distrital de Disciplina, Eng.º Rui Mendes Tavares (Presidente), Drs. José Luís Cristo e Edgar Augusto Gonçalves Verdade (Vogais); Comissão Distrital de Admissões, Dr. José Maria Soares (Presidente), Gaspar Marques da Silva Tavares e Fernando Gamelas Matias (Vogais); Comissão Executiva Distrital, Domingos José Barreto Cerqueira (Presidente), José Jorge Figueiredo, António Joaquim Tavares Corredoura e Dr. Octaviano A. Ferreira Seabra (Vice-Presidentes), Adelino Manuel Freire Simões Veiga (Secretário), António dos Santos Costa (Tesoureiro), Basílio de Oliveira, Maria Amélia Filipe Fernandes, prof. Élio Ferreira Martins e Manuel de Almeida Robalo (Vogais); Comissão Distrital de Angariação de Fundos, Eng.º Silvestre Cunha (Presidente), António Adérito Braz Coelho da Silva, Francisco da Encarnação Dias, José Adelino de Oliveira e José Teixeira de Pinho Brandão (Vogais).

Um subsídio de QUARENTA MIL CONTOS para minimizar as consequêncais dos recentes temporais entre COSTA NOVA e ESPINHO

Em plenário do Conselho de Ministros, que decorreu na pretérita quarta-feira, 27, foi decidido, além do mais, conceder uma verba de 40 000 contos, a fim de «ocorrer imediatamente a reparações dos estragos verificados na zona entre a Costa Nova e Espinho e designadamente na Torreira, em consequência dos recentes temporais, e ainda para construção de novas estruturas de protecção aos efeitos do mar. /.../ O Conselho providenciou ainda no sentido de serem processadas sem demora as indemnizações devidas por estragos causados em bens públicos e privados pelos referidos temporais».

PALESTRA E FILME SOBRE A UNIÃO SOVIÉTICA

Integrada nas Comemorações do 61.º Aniversário da Revolução Socialista de Outubro e promovida pelo Conselho Regional de Aveiro da Associação Portugal-U.R.S.S., decorrerá, hoje, 29, no Salão de Cultura do Município, uma sessão constituída por uma palestra de Castro Moreira e a projecção de um filme e diapositivos da autoria de Armando Seabra, sobre uma recente viagem à União Soviética.

A sessão terá início às 21.30 horas e a entrada é livre.

ENCONTRO DE PROFESSORES E JOVENS MILITANTES CRISTÃOS

A seguir damos a lume mais um dos três escritos que, com o pedido de publicação, nos foi entregue pelo Secretariado Diocesano da Educação Cristã da Juventude

- **Encontro de Professores de Moral / Ensino Secundário**
- **Encontro de Jovens Militantes Cristãos presentes na Escola**

O Secretariado Diocesano de Educação Cristã da Juventude da Diocese de Aveiro, tendo encontrado a necessidade de abrir as suas actividades este ano em três pastorais específicas, dentro da Pastoral da Juventude, realizou já dois encontros para um destes tipos de Pastoral: a Pastoral Escolar.

O primeiro encontro contou com a presença duma equipa do SDECJ, e da directora do Secretariado Nacional do Ensino da Igreja nas Escolas, Irmã Maria António Guerreiro, assim como de todos os professores de Moral e Religião católicas do Ensino Secundário da nossa Diocese. Este encontro incidiu sobre a presença da Igreja nas escolas e sobre os vários problemas inerentes à sua presença, quer no que respeita às aulas de Moral, quer à acção dos jovens militantes cristãos.

Nesse sentido, o SDECJ organizou um encontro de «jovens militantes cristãos presentes na escola», que contou com cerca de 35 jovens militantes cristãos, incidindo sobre «o ensino e a cultura na formação integral do homem», a «escola e a comunidade», e «ver, analisar, actuar» no meio escolar com o Evangelho de Jesus Cristo. Estiveram presentes as escolas secundárias de Águeda, José Estêvão, Ilhavo, Oliveira do Bairro, Escola Industrial e Comercial de Aveiro, Colégio do Sagrado Coração de Maria, Colégio de Famalicão (Anadia), não estando presentes as escolas de Anadia, Sever do Vouga, Albergaria e Murtosa.

Os jovens militantes cristãos presentes neste encontro apostaram na sua acção no meio escolar, tendo também projectado um novo encontro para as escolas que não estiveram presentes, mini-cursos de desdobramento deste encontro para as suas escolas, contando com o apoio do SDECJ, e um outro encontro, a meio do ano lectivo, de reciclagem.

Apostando em abanar as escolas com a presença do Evangelho, estes jovens puseram a sua esperança em Jesus Cristo libertador para no seu meio construírem o Homem Novo e a Nova Comunidade.

Aumento em Aveiro de RESIDENCIAIS

● Os responsáveis pelo já tão creditado Hotel Afonso V diligenciam pela ampliação da sua capacidade — presentemente de 40 quartos — para mais do dobro, rigorosamente para 90. Com tal propósito, adquiriram já uma vasta área de terreno contígua às actuais instalações, onde se incluirá, ainda, uma sala para reuniões, uma discoteca e uma churrascaria.

O custo do importante empreendimento está calculado em cerca de três dezenas de milhares de contos.

● «Paloma Blanca» é a designação de uma nova unidade hoteleira — residencial com 12 excelentes quartos, dotados de banho, telefone e aquecimento privativos.

Situa-se na Rua de Luís Gomes de Carvalho e deve-se à iniciativa particular de Manuel Grosso dos Santos, um ex-emigrante na Alemanha Federal, que investiu na relevante iniciativa cerca de sete mil contos.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 29 — às 21.30 horas; Sábado, 30 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 31 — às 15.30 horas; e Segunda-feira, 1 de Janeiro de 1979 — às 15.30 e 21.30 horas — TUBARÃO 2 — Não aconselhável a menores de 18 anos. *Brevemente:* TERRAMOTO

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 29 — às 21.30 horas — O TRIÂNGULO DE OURO — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Sábado, 30 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 31 — às 15.30 e 21.15 horas; Segunda-feira, 1 de Janeiro de 1979 — às 15.30 e 21.30 horas — E VIVA A LIBERDADE — Maiores de 6 anos.

Terça-feira, 2 de Janeiro às 21.30 horas — SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Quinta-feira, 4 — às 21.30 horas — GINA, A STRIP-TEASER — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Permanece o CEMITÉRIO CENTRAL

No Plano Director da Cidade, previra-se o desaparecimento do Cemitério Central.

O problema, debatido em sessão camarária, foi equacionado em termos históricos e estéticos; e viria a resolver-se no sentido da permanência do velho «Campo Santo» — onde passaram a ter sepultura os corpos que, por legal e genérica proibição, não puderam mais encontrar definitivo poiso nas igrejas e seus anexos.

Decisão acertada: o Cemitério Central (conhecido também por «Cemitério Velho»), para além das notabilidades aveirenses cujas cinzas e recordação conserva (desde as de José Estêvão às dos liberais justiçados — «Os ossos aqui têm, a alma no Empírio / Seis ilustres varões por quem fremente a Liberdade chora /...../)» — é repositório de mausoléus de boa traça e, até, de notáveis esculturas, entre elas o grupo em bronze, da autoria de Artur Prat.

Assim revogada umadeliberação camarária de 1971, os interessados poderão, agora, adquirir sepulturas no Cemitério Central; todavia, as novas construções terão que obedecer a características definidas pelo Gabinete de Urbanização — o que, muito logicamente, é exigido para que não seja afectada a harmonia do local.

Na Pampilhosa: Salão Nacional de Fotografia temática: A CRIANÇA

A Comissão da Freguesia de Pampilhosa, do Ano Internacional da Criança, através da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Pampilhosa, tem a honra de convidar todos os interessados a participarem no Salão Nacional de Fotografia, a realizar na Sede desta Associação.

REGULAMENTO

1 — Podem participar neste Salão todas as pessoas singulares ou colectivas.

2 — O Salão terá um único tema: A CRIANÇA.

Criaram-se as seguintes classes de participação:

Classe A — Provas a preto e branco, formato 30×40 cm.

Classe B — Provas a preto e branco, formato 18×24 cm.

Classe C — Provas coloridas, formato 18×24 cm.

Classe D — Diapositivos coloridos em montagem 5×5 cm.

3 — Cada concorrente poderá apresentar o máximo de cinco provas em cada uma das Classes, não podendo no entanto repetir provas nas Classes A e B.

4 — Cada fotografia deverá trazer no verso, e os diapositivos na montagem, e em letra bem legível, o nome e endereço do autor, bem como o número e título da prova de acordo com o boletim de inscrição.

5 — As provas devem ser enviadas, sob registo, para: *Salão de Fotografia — Bombeiros Voluntários de Pampilhosa—Pampilhosa — Código Postal 3050.*

6 — A inscrição neste Salão é gratuita.

7 — Não haverá recurso das decisões do Júri que terá poderes para resolver os casos omissos neste regulamento.

8 — A todos os participantes admitidos será atribuído um prémio de presença.

9 — A todos os participantes será enviado um catálogo do Salão.

10 — A organização compromete-se a usar o máximo cuidado com todos os trabalhos recebidos, não se responsabilizando, no entanto, por quaisquer danos ou extravios.

11 — São instituídos os seguintes prémios:

Para cada classe haverá três troféus, sendo dois para os melhores trabalhos votados pelo Júri e um outro para o trabalho mais votado pelas crianças dos estabelecimentos escolares de Pampilhosa e povoações limítrofes.

12 — Calendário do Salão:

Último dia de recepção dos trabalhos: 23 de Fevereiro de 1979.

Reuniões do Júri: até 4 de Março de 1979.

Notificação aos participantes: de 6 a 11 de Março de 1979.

Salão: de 17 a 25 de Março de 1979.

Projecção de diapositivos: todos os dias às 21 horas.

Devolução dos trabalhos: a partir de 31 de Março de 1979.

Abertura do Salão: Dia 17 de Março de 1979 às 17 horas.

FALECERAM:

● Com 75 anos de idade, e no estado de viúva do saudoso Joaquim dos Santos Figueiredo, faleceu, no dia 12 do corrente, a sr.ª D. Natália Lima, mãe dos srs. António Joaquim, José e Isaías dos Santos Figueiredo.

Residia em Mataduços e foi a sepultar, no dia imediato, após missa na paroquial de Esgueira, para o cemitério desta freguesia.

● No dia 13, faleceu, com a provecta idade de 80 anos, o sr. Manuel Deus da Loura, que morava ao n.º 30 do Largo da Senhora da Alegria.

O venerando extinto deixou viúva a sr.ª D. Crisanta de Oliveira; e era tio das sr.as D. Maria Irene Simões das Neves, D. Maria José dos Santos Oliveira e dos srs. Luís de Melo Alvim, Manuel e Alberto Deus da Loura, Alfredo Fortes e Manuel Graça Moreira Duarte.

Após missa de corpo-presente, no dia imediato, na capela da Senhora da Alegria, foi a sepultar no Cemitério Sul.

● Com 59 anos de idade, faleceu, no dia 14, a sr.ª D. Rita da Silva Frazão, que residia ao n.º 2 da Travessa de S. Gonçalinho.

A saudosa extinta era casada com o sr. Artur Filipe.

● No mesmo dia, e no estado de viúva do saudoso Manuel Marques da Cunha Júnior, faleceu no lugar do Viso, freguesia de Esgueira, em cujo cemitério foi sepultada, a sr.ª D. Mariana da Cruz dos Santos Silva, que contava 75 anos de idade.

● No dia 16, faleceu a sr.ª D. Augusta de Jesus, que morava na Rua de Eça de Queirós, n.º 7.

A veneranda senhora, que contava 85 anos de idade, foi a sepultar no Cemitério Sul.

Era mãe da sr.ª D. Maria José Andrade Ruivo, esposa do nosso bom amigo Manuel Ruivo.

● A sr.ª D. Rosa Nunes Marques, que contava 77 anos de idade e residia no lugar da Quinta do Gato, freguesia de Esgueira, onde foi sepultada, faleceu no dia 19.

Era viúva do saudoso Manuel Joaquim dos Reis.

● Acometido por doença súbita em 2 de Agosto último, logo transportado para a Casa de Saúde da Vera-Cruz, em Aveiro, e posteriormente para o Hospital de Marinha de Lisboa, viria a falecer ali, na tarde de 22 do corrente, o Capitão-Tenente (na reserva) Manuel Branco Lopes.

Filho dos saudosos Francisco Pereira Lopes e D. Rosa Pereira Branco Lopes — aquele firmaria nome como um dos mais dinâmicos e conceituados comerciantes da praça aveirense e, esta, como distintíssima professora —, fez brilhante carreira na Armada, não só como Comandante de submarinos, mas como Capitão dos Portos da Póvoa de Varzim e Vila do Conde.

Ainda moço, distinguiu-se como um dos mais válidos e dinâmicos fundadores e componentes do Grupo n.º 36 do Corpo Nacional de Scouts (de «Santa Joana», de Aveiro); depois de passar à reserva, dedicou-se, proficientemente, à indústria da pesca, à qual deu notável impulso.

O ilustre e saudoso extinto, um aveirense de gema, contava 63 anos de idade; deixou viúva a sr.ª D. Maria Perpétua Trindade Salgueiro Branco Lopes; era pai da sr.ª D. Maria Luísa Salgueiro Lopes Maxwell, esposa do sr. Anthony John Maxwell, residentes em Mónaco; e irmão do nosso bom amigo Eng.º Alberto Dionísio Branco Lopes.

Com grande e expressivo acompanhamento, realizou-se o funeral, na tarde do pretérito domingo, 24, desde a entrada do Cemitério Central, onde, após as exéquias fúnebres, foi depositado em jazigo de família.

● No dia 24, faleceu a sr.ª D. Ascensão Marques Paula. A saudosa extinta, que contava 69 anos de idade e residia no próximo lugar de Vilar, freguesia da Glória, deixou viúvo o sr. Francisco Rodrigues dos Santos.

Foi a sepultar no Cemitério Sul.

● Com a provecta idade de 91 anos, faleceu, no dia 25, no estado de viúva do saudoso Leandro Gomes, a sr.ª D. Rosa da Cruz Gomes.

A veneranda extinta, que morava ao n.º 24 da Rua da Liberdade, foi a sepultar no Cemitério Sul.

● No mesmo dia, faleceu, na Rua do Lila, freguesia de Aradas, onde residia, a sr.ª D. Maria Rosa Martins Coutinho, que viria a ser sepultada no Cemitério Sul.

Contava 72 anos de idade e era viúva do saudoso Manuel António Coelho.

● Com 74 anos de idade, faleceu, no dia 27, a sr.ª D. Rosa de Jesus Valente, que morava na Quinta do Torto, freguesia de Esgueira, em cujo cemitério foi a sepultar.

A saudosa extinta era casada com o sr. Basílio Nunes Baptista.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores incertos e desconhecidos do executado António Martins Vieira de Castro, casado, comerciante, residente na Rua dos Andoeiros, Aveiro, para no prazo de dez dias, decorridos que sejam os dos éditos, virem aos Autos de Execução Ordinária que ao referido executado move João José Segurado de Rolão Candeias, casado, consultor económico, residente no Edifício Imaviz, 4.º Esq. Lisboa, deduzir, querendo, os seus direitos sobre os bens penhorados, nos termos do que dispõe o art.º 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Aveiro, 18 de Dezembro de 1978.

A ESCRITURÁRIA,

a) *Ana Margarida S. Génio*

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

LITORAL - Aveiro, 29/12/78 — N.º 1230

Tabelas de Publicidade

Os Semanários de Aveiro — «Correio do Vouga» e «Litoral» — que têm praticado idênticos preçários, após minucioso estudo, reconheceram a impossibilidade de suportar os encargos inerentes à respectiva publicação, dados os enormes e consabidos aumentos do seu custo, designadamente na composição, na impressão e no preço do papel.

Por isso, decidiram, para garantia da sua sobrevivência, actualizar as suas tabelas, o que, para já, apenas fazem quanto à publicidade.

Adverte-se que a nova tabela, a seguir publicada, é sensivelmente inferior e, em certos casos muito inferior, à praticada por outros semanários que tivemos o cuidado de consultar, quer do distrito de Aveiro, quer de publicações congéneres de outros distritos.

PUBLICIDADE — A PARTIR (para o Litoral) DE 7/4/978

1 página — 4 000$00; 1/2 página — 2 200$00; 1/3 página — 1 500$00; 1/4 página — 1 200$00; 1/5 página — 1 000$00; 1/8 página — 700$00; 1/16 página — 400$00; 1/32 página — 300$00.

Anúncio mínimo — (abaixo da medida precedente) — 100$00.
Texto, por linha (corpo 8) — oficiais: 12$50 — outros: 15$00.

Descontos — 5 publicações — 10%; 10 publicações — 20%; 25 publicações — 30%; 50 publicações — 40%; de agência — 20%.

NOTAS — 1.ª ao preço líquido dos anúncios acresce, como é de Lei, o imposto de 10%, a cargo do anunciante.
2.ª Não se publicam anúncios (normalmente) na 1.ª e na última páginas.

Em que se fala de aveirismo (entre outras coisas) e do infortúnio de se ser «Talabrico-Lusitanus» ou

João Jacinto de Magalhães

Conclusão da 3.ª página

Não sei o que terá inspirado nessa altura o aveirismo a Eduardo Cerqueira. O que sei é que em muitos ardentes pregoeiros do aveirismo ele, sem dúvida, se manifestou na «verticalidade tão aprumada (...) das varas dos pálios» das «nossas tradicionais procissões, em nenhures superadas em esmeros de compostura». Foi isso. E também não deixou de se concretizar no deleite de se ficarem a «ouvir e discernir o som dos sinos e a alargar a vista até horizontes sem obstáculos, para o largo e para o alto», daquele modo todo solene e aveirista como os professores da Escola Técnica não conseguiram ainda imitar, para não merecerem da pena de Eduardo Cerqueira o diploma de «néscios, e da mais vácua, ou mais espessa e impenetrável ignorância».

Ora se o aveirismo é isto — pegar com correcção nas varas do pálio, ouvir e discernir os sinos e alargar a vista até horizontes sem obstáculos — ainda bem que Mário Sacramento não é o candidato do aveirismo. E se é por não seguirem os ritmos desta «partitura» que os professores são néscios — honra lhes seja! Confesso que também não acerto com tal compasso. É que não é com este aveirismo que alguém, por mais devoto que seja às coisas de Aveiro, vai descobrir o súbito valor de João Jacinto de Magalhães, para o propor a uma votação, para elegê-lo e para inscrevê-lo na portada da Escola Técnica. Para se optar entre João Jacinto de Magalhães e Mário Sacramento seria necessário que, antes de tudo, se conhecesse um e outro. Depois, que João Jacinto fosse mesmo um símbolo mais adequado do que Mário Sacramento. Ora, se qualquer cidadão medianamente culto, de Aveiro, ou de fora de Aveiro, inclui Mário Sacramento entre os nomes mais representativos da cultura e do humanismo vivos — o mesmo não se passa no que toca a João Jacinto de Magalhães. O próprio Eduardo Cerqueira, aliás, dá conta disso no seu artigo de 15 de Dez.º último (n.º 1228 de *Litoral*), ao referir a estranheza com que certos aveirenses encararam a proposta por ele defendida de dar o nome de João Jacinto de Magalhães à Escola Técnica. Mas, por que é que não «constitui» para ele «qualquer surpresa que muitos dos «seus» estimados conterrâneos, de nascimento ou decidida adesão afectiva à nossa terra comum» revelem essa estranheza, constituindo-a entretanto o facto de os professores da Escola Técnica não o terem escolhido para patrono? Também aqui o comportamento de Eduardo Cerqueira é bizarro. Quem não é de Aveiro é «analfabeto» se não conhece João Jacinto de Magalhães. Quem é de Aveiro e mostra igualmente não o conhecer — leva uma pancadinha nas costas. É preciso é que o eleitorado de Eduardo Cerqueira se prepare para votar em João Jacinto de Magalhães.

E no entanto pergunto eu:—Mas por quê tanta ingorância quanto a este nosso lídimo valor? A resposta é clara: — Por causa do aveirismo. É que o aveirismo, no que toca a qualquer esforço para manter viva entre nós a presença de João Jacinto de Magalhães, só contou com o efeito dos sinos, do ar, da água, do azul destes horizontes. Até hoje, esse tão desditoso como célebre «talábrico-lusitanus», nascido em Aveiro em 1702, com uma ascendência que até era de «aristocráticos pergaminhos», falecido em 1789, depois de deixar uma obra de cientista universalmente reconhecida e de ter deixado casa no Alboi — não mereceu que na sua terra, já não digo lhe erigissem uma estátua, mas ao menos lhe fixassem o nome no canto de uma rua ou de um beco. Gerações e gerações de aveirenses deixaram que os anos soterrassem João Jacinto, condenando-o assim a um irremediável e total esquecimento. Isto tudo, enquanto se foram mostrando magnânimos para dar, por entre foguetes e grandes discursos de ocasião, gloriosas lápidas a tantos vultos estranhos à cidade, mortos e vivos.

O aveirismo é assim. Apaixonado e volúvel como o vento. Até aqui esteve-se simplesmente minando para João Jacinto. Agora a toda a força exige que o mundo inteiro saiba quem foi João Jacinto. A começar pelos de fora de Aveiro, que ao entrarem aqui, têm de descalçar humildemente as botas, mostrando que estão a calcar o terreno sagrado de João Jacinto.

É evidente que não era preciso que Eduardo Cerqueira, apesar das altas funções hierárquicas que ocupa no aveirismo, fosse assim tão exigente para com os de fora de Aveiro. Pelo menos para com esses, pois têm sido eles que, se não em toda pelo menos em grande parte, têm mantido a lamparina acesa em memória de João Jacinto. O «Arquivo do Distrito de Aveiro», revista que se publica entre nós desde 1935, com o fim específico de velar pelos valores que dizem respeito a Aveiro, se até hoje alguma coisa nos pôde revelar da figura e da obra de João Jacinto, foi graças à dedicação dos professores que votaram em Mário Sacramento — Mas não! É de Aveiro. O artigo com que Eduardo Cerqueira iniciou a sua campanha a favor de João Jacinto, pouca expressividade teria sem as transcrições em que se apoiou de Joaquim de Carvalho, pessoa que, tanto quanto sei, também não podemos incluir entre cagaréus nem ceboleiros. Das pessoas de maior vulto que nos aponta, que souberam revelar interesse por João Jacinto de Magalhães (Sampaio Bruno, Ricardo Jorge, Maximiano Lemos, Mário Silva), também nenhuma podemos considerar de Aveiro.

Ao contrário daquilo que defende Eduardo Cerqueira, por estes exemplos, parece até que se alguém tem direito a pronunciar-se sobre os factos do património cultural aveirense, são justamente as pessoas de fora de Aveiro. E por isso é que digo a Eduardo Cerqueira: — Mesmo que dos professores que voaram em Mário Sacramento, nenhum seja de Aveiro (no que ninguém acredita) e todos estejam aqui só de passagem — deixe-os votar! São de fora, mas estão a trabalhar numa escola de Aveiro, estão a ensinar os futuros aveirenses. E pode ser que mesmo aqueles que mais se mostram formados em aveirismo, ainda com eles tenham muito a aprender.

JOAQUIM CORREIA

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação, que por escritura de 18 de Dezembro de 1978, de fls. 83 a 84 v.º do livro de escrituras diversas n.º 246-B, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi mudada a sede da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Marques da Silva, Limitada», da Rua do Gravito n.º 127, rés do chão, desta cidade, para a Quinta do Simão, freguesia de Esgueira, deste concelho, e foram alterados os artigos 1.º e 4.º do Pacto Social, que passaram a ter as seguintes redacções:

1.º A sociedade adopta a firma «Marques da Silva, Limitada» e tem a sua sede na Quinta do Simão, freguesia de Esgueira deste concelho de Aveiro e durará por tempo indeterminado, a contar do dia 20 de Abril de 1978.

4.º — A gerência da sociedade fica a cargo do sócio António Marques Alves da Silva, com dispensa de caução, bastando a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 22 de Dezembro de 1978.

O AJUDANTE,

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 29/12/78 — N.º 1230

Os Transportes de S. Jacinto

Continuação da 1.ª página

para não cair à água e a presença casual de um quintanista de medicina (um dos já poucos aveirenses de S. Jacinto), que imediatamente o socorreu e verificou não apresentar fracturas aparentes, mas somente forte hematoma craniano, pelo que promoveu e conseguiu a sua reanimação.

Acidentes desta natureza acontecem com relativa frequência, especialmente com os que não conhecem a ratoeira que essa rampa representa, quando os limos ficam a descoberto; mas o facto do caso relatado não ter sido fatal, não pode servir de princípio pois, pelo contrário, outros poderão surgir com consequências fatais.

Portanto, e em defesa da nossa tese, achamos que se se gastaram milhares de contos na construção dos acessos e pontões para o «ferry-boat» (já que pensamos que os batelões algo renderam ou estarão a render) por que motivo se não gastaram umas centenas na melhoria das actuais e mais que deficientes condições de desembarque na rampa da ponte em S. Jacinto? É que, julgamos, feita a conveniente construção de adaptação, e a exemplo do que se verifica em relação ao desembarque no Forte, a colocação de um dos batelões cedidos por «empréstimo» para Vila Real de Santo António, devidamente ligado à referida rampa da ponte de desembarque, permitiria que o nivelamento superior desse batelão se mantivesse constante em relação ao bordo da lancha, quer na preia-mar, a meio da maré ou na baixa-mar e, deste modo, o desembarque dos passageiros se fizesse com segurança e isento de qualquer perigo de queda, tal como no Forte acontece. É que os passageiros, por vezes, são obrigados a fazer verdadeiros exercícios acrobáticos para desembarcarem da lancha, conforme as marés, pois essas lanchas ou ficam muito acima ou muito abaixo da rampa em apreço, receando alguns deles o perigo que os espreita, representado pelos já referidos limos, sempre escorregadios e fixados no cimento. E não se diga que haverá dificuldades na colocação do batelão naquele local, devido às correntes, uma vez que 100 metros mais abaixo tudo se fez e até lá esteve ligado um desses batelões.

Embora na ponte de atracação já exista um melhoramento, que é o coberto feito pela Junta Autónoma (por sinal muito bem arejado, quando o vento é forte) deveriam também ter sido consideradas as condições em que ali se efectua o desembarque.

Deixamos esta sugestão à atenção da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, na certeza de que sobre ela não deixará de se debruçar, como aliás é seu dever, fazendo o conveniente estudo, adaptação e colocação de um batelão, como se indicou, e com a brevidade que se impõe, uma vez que foram postas de parte as hipóteses da ponte sobre o Canal e do «ferry-boat». E, já agora, do «excedente» dos milhares de contos que se gastaram inutilmente naqueles acessos e pontões, solicita-se que se tenha em consideração a imperiosa e inadiável necessidade da construção de uma pequena doca para abrigo das já poucas bateiras dos pescadores locais, pois estes, quando procuram descansar da sua dura faina na pesca artesanal, não poucas noites têm de levantar-se apressadamente para reforçar as amarras dessas bateiras ou vará-las em terra, lá para o Norte, evitando desta forma que as «destadas» ou «suestes vivos» as despedacem de encontro à muralha, perdendo assim o seu ganha-pão. Mas a este assunto nos referiremos oportunamente.

Postas as sugestões com a franqueza e lealdade que nos é peculiar, sem quaisquer intuitos críticos contundentes, mas antes realistas e construtivos, ficamos aguardando que tais sugestões sejam devidamente consideradas e as necessidades superadas, como a população de S. Jacinto bem merece.

E como não nos é possível calar o que nos está na mente, permitimo-nos ainda perguntar: Se a ponte sobre o Canal de S. Jacinto foi considerada inviável, pela despesa que implicava, por que motivo se não ponderou também a inviabilidade do «ferry-boat», dada a sua falta de rentabilidade, pelo menos de molde a cobrir as despesas primárias? Assim, somos forçados a concluir que em todo este estudo houve uma falta de previsão para que se não caísse no fracasso em que se caiu; mas também reconhecemos que, nestes assuntos de estudos e previsões, os portugueses são «mestres», como o atestam milhares e milhares de contos que se gastaram (e ainda continuarão a gastar-se?) em obras de vulto, para se acabar por reconhecer ter sido em pura perda. É que, no tocante a previsões à distância, só recordamos, de momento, dois nomes grandes, que foram o Marquês de Pombal, com a sua equipa, e o Engenheiro Duarte Pacheco, podendo aliar-se-lhe o do Engenheiro Arantes e Oliveira.

Hoje, como ontem (e oxalá não continue) alguns dos responsáveis por estudos do género daqueles que indiquei e até de outros, concretizam em obras esses estudos, «brincando» — não encontro outro termo — com o dinheiro do Estado, que o mesmo é dizer da Nação e, como a Nação somos todos nós, com o nosso dinheirinho!...

Lisboa, Dez./78

ALBANO FERREIRA SIMÕES

FUTEBOL

tos, para serem assistidos. Continuaram dentro das quatro linhas, embora inferiorizados (Quaresma, no final da partida, veio a ser suturado com três pontos). E, em reflexo, a manobra dos auri-negros ficou afectada na meia-hora derradeira — período em que os benfiquistas, depois de viverem com o «credo na boca» (na expectativa dom possível 2-2...), puderam respirar fundo e conseguiram até inesperada goleada, mercê de involuntário contributo do beira-marense Quaresma, autor de mais um auto-golo...

Arbitragem positiva, sem problemas causados pelos jogadores (o jogo foi de correcção inexcedível), mas com algumas falhas com origem no trabalho dos «bandeirinhas», algo incertos a marcar foras-de-jogo.

Aveiro nos Nacionais

Covilhã - FEIRENSE
RECREIO - Caldas
Peniche - OLIVEIRA DO BAIRRO
LAMAS - ALBA

III DIVISÃO

Resultados da 14.ª jornada

SÉRIE B

Amarante - Infesta	6-0
BUSTELO - Avintes	(a)
P. DE BRANDÃO - Valonguense	2-2
OLIVEIRENSE - Freamunde	(a)
Régua - Lamego	1-1
VALECAMBRENSE - Leça	0-0
AVANCA - SANJOANENSE	0-1
Leverense - Vilanovense	1-1

(a) — Adiados, devido ao mau tempo

SÉRIE C

Vildemoinhos - Alcains	3-0
Naval - ANADIA	1-0
Ançã - Molelos	4-0
Tocha - Vilanovenses	1-0
Guarda - Acurede	(a)
Gouveia - Quiaios	2-0
Tondela - Febres	1-0

(a) — Adiado, devido ao mau tempo

Classificações

SÉRIE B — Amarante, 23 pontos. OLIVEIRENSE e Leça, 19. Infesta e Lamego, 17. SANJOANENSE, 16. AVANCA, 15. PAÇOS DE BRANDÃO, 14. Valonguense, 13. Freamunde e Régua, 11. Avintes e VALECAMBRENSE, 10. Vilanovense e Leverense, 9. BUSTELO, 3.

SÉRIE C — Naval 1.º de Maio, 21 pontos. Mangualde, 20. Viseu e Benfica, Lusitano de Vildemoinhos e Ançã, 17. Guarda, 15. Tondela, 14. Vilanovenses, 13. Acurede, ANADIA e Alcains, 12. Molelos, 11. Gouveia e Febres, 10. Quiaios, 9. Tocha, 8.

Próxima jornada — sábado

(jogos dos clubes aveirenses)

Infesta - BUSTELO
Avintes - PAÇOS DE BRANDÃO
Valonguense - OLIVEIRENSE
Lamego - VALECAMBRENSE
Leça - AVANCA
SANJOANENSE - Leverense
ANADIA - Ançã

ANDEBOL de SETE

Fernando Humberto, da Comissão Distrital de Leiria.

Alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Januário, Marinho (3), David (1), Nuno (6), Oliveira (3), Ricardo (1), João (2), José Carlos, Chico Costa, Rocha e Carlos.

GAIA — Braga, Aurélio (3), Pinho (1), Madureira (1), Leite, Reis, Doutel, Vítor Borges, Lourenço, Carlos Eduardo (2), Chico e Álvaro.

1.ª parte: 6-6. 2.ª parte: 10-1.

Partida com muito interesse para ambas as turmas — por igual carecidas de vencer, tendo em vista a fuga aos lugares que implicam despromoção automática.

Ressentindo-se da falta de diversos titulares (cuja ausência, em recurso, foi suprida com a presença de alguns juniores), o Beira-Mar acusou as responsabilidades do desafio e a sua importância e, durante a primeira parte, permitiu que os gaienses jogassem taco-a-taco e chegassem ao intervalo com o **score** igualado a seis tentos.

Após o descanso, porém, os auri-negros tiveram supremacia total no comando das operações e vincaram nítido ascendente sobre os seus opositores, logrando obter nove golos de vantagem — já que marcaram dez e apenas consentiram um...

Em partida correctíssima, o trabalho dos árbitros satisfez inteiramente, tanto vencedores como vencidos — sobretudo porque se tratou de dupla formada por juizes honestos e sabedores, actuando com segurança e imparcialidade. Equipa a ver mais vezes, a constituída pelos leirienses José Monteiro e Fernando Humberto.

Continuações da última página

Velhos Amores pelo Desporto

ano de 1930, depois da sua vitória na prova de salto à vara, em Vigo, no I Porto-Vigo em atletismo — depois dos seus velhos amores pelo Desporto, se virou para o Cinema.

A sua estreia ocorreu com «Douro, Faina Fluvial» — um documentário notável da cinematografia nacional. Passados alguns anos, estreou «Aniki-Bóbó», filme que prenunciava já certo neo-realismo, que viria a eclodir logo a seguir em Itália. Em 1956, Manuel de Oliveira fez uma curta-metragem no Porto, com «O Pintor e a Cidade». Depois, realizou o «Acto da Primavera» e, entre outros filmes, «A Caça» e «O Passado e o Presente».

Com a nova versão do «Amor de Perdição» — a série que há pouco terminou na T.V. —, Manuel de Oliveira tornou-se novamente alvo das atenções do público. Desta vez, porém, não escutou aplausos gerais — como nos seus tempos de atleta, na época dos seus amores pelo Desporto e dos êxitos no salto à vara (em que teve o ceptro nacional, destronando um aveirense . . .). Bem pelo contrário, o seu televisivo «Amor de Perdição» sofreu frequentes e contundentes ataques dos críticos da especialidade e não ganhou jus às palmas dos espectadores anónimos, a grande multidão que todos os dias vê a televisão . . .

Basquetebol

JUVENIS

Fase Final — 3.ª jornada

SANGALHOS - GALITOS	68-56
ILLIABUM - BEIRA-MAR	63-59

Fase Final — 4.ª jornada

BEIRA-MAR - GALITOS	51-34
SANGALHOS - ILLIABUM	81-59

Jogo em atraso

GALITOS - BEIRA-MAR	64-61

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	4	3	1	282-245	10
Illiabum	4	3	1	243-240	10
Beira-Mar	4	1	3	231-235	6
Galitos	4	1	3	195-231	6

Próxima jornada — 6 de Janeiro

ILLIABUM - GALITOS
BEIRA-MAR - SANGALHOS

INICIADOS

Resultados da 4.ª jornada

ILLIABUM-A - GALITOS	72-24
ILLIABUM-B - SANGALHOS	13-46

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Illiabum-A	4	4	0	277-82	12
Sangalhos	3	2	1	141-116	7
Beira-Mar	3	2	1	149-131	7
Esgueira	3	1	2	93-161	5
Galitos	2	0	2	57-113	2
Illiabum-B	2	0	2	26-115	2

Próxima jornada — 7 de Janeiro

GALITOS - ILLIABUM-B
SANGALHOS - ESGUEIRA

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação, que por escritura de 21 de Dezembro de 1978, de fls. 97 v.º a 98 v.º do livro de escrituras diversas n.º 23-D, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi dissolvida de mútuo acordo, a sociedade comercial, por quotas de responsabilidade limitada «Ferreira & Ferreira, Limitada» que teve a sua sede na Rua Luís Gomes de Carvalho, n.º 35 rés do chão, desta cidade, a qual não tinha passivo; tendo o activo sido adjudicado, em comum e partes iguais, a ambos os sócios.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra.

Aveiro, 22 de Dezembro de 1978.

O AJUDANTE,
a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 29/12/78 — N.º 1230

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia 10 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai proceder-se à venda por meio de arrematação em hasta pública, para ser entregue a quem maior lanço oferecer, superior àquele por que vai à praça, o móvel abaixo discriminado, penhorado à executada Transportes Veneza, Sociedade Comercial por quotas, com sede em Aveiro, nos autos de Carta Precatória vinda da Comarca de Santarém e extraída dos autos de Execução de Sentença que à referida executada move, Roques, L.da, Sociedade Comercial por quotas, com sede em Santarém.

MÓVEL A VENDER

Uma máquina fotocopiadora, eléctrica, marca «Safracopy», modelo A/77, que será posta em praça com o valor de 12 000$00.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1978.

O ESCRIVÃO,

a) *Abel Vieira Neves*

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

LITORAL - Aveiro, 29/12/78 — N.º 1230

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que nos autos de processo correccional com pedido cível, pendentes na 2.ª Secção do 2.º Juízo, que o autor José Vaz de Pinho move contra o réu José Ferreira Valério, casado, proprietário, ausente em parte incerta e com a última morada conhecida no lugar de Ouca — Soza — Vagos, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, CITANDO o referido réu, para no prazo de 10 dias posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido de indemnização deduzido naqueles autos e que em resumo consiste no pagamento de 57 371$00, e tudo como melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secretaria à disposição do citando.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1978.

O JUIZ

a) *José Alexandre de Lucena e Vale*

Pel'O ESCRIVÃO

a) *Domingos Manuel Vilas Boas dos Santos*

LITORAL - Aveiro, 29/12/78 — N.º 1230

VELHOS AMORES PELO DESPORTO

de Manuel de Oliveira, realizador do «AMOR DE PERDIÇÃO» DA T. V.

«Salto de Anjo» por Manuel de Oliveira, em La Guardia (1930) — numa foto de Mário Duarte

O «record» de Portugal em atletismo que esteve mais anos de pé foi, sem dúvida, o «record» do salto à vara, de Cabeça Ramos, com 3 metros e 27 centímetros! Em 1928, esse «record» foi, enfim, batido: e pelo aveirense Francisco Duarte, filho de Mário Duarte, que saltou 3 m. 30 cm. e se consagrou campeão de Portugal. Dois anos depois, foi batido novamente o «record» do salto à vara, ficando em posse de Manuel de Oliveira, que pulou 3,35 m.

Adiante se explicará o motivo da precedente evocação. Quando, entre 1927 e 1934, esteve como Cônsul de Portugal na Galiza, o aveirense Dr. Mário Duarte (Filho), por sua iniciativa, organizou os primeiros encontros entre atletas do Norte e da Galiza, em várias modalidades desportivas. Estarão ainda na memória de muitos aveirenses as grandes vitórias da equipa de nadadores do Sport Clube Beira-Mar, que, em 1929, 1930 e 1931, ganharam quase todas as provas dos Campeonatos Internacionais de Natação, em Vigo, trazendo para Aveiro valiosas e grandes taças.

Em 1930, em Vigo, no Estádio de Balaidos, e, depois, no Porto, realizaram-se o I e o II Porto - Vigo em atletismo, ambos ganhos pela equipa portuense. Em ambos, também, na prova do salto à vara, saiu vencedor o atleta Manuel de Oliveira, do Sport Clube do Porto.

Pois o que poucos dos nossos leitores sabem é que Manuel de Oliveira, que foi prestigioso atleta, na sua mocidade — como se poderá ver no seu magnífico «salto de anjo», executado na perfeição, atirando-se do alto de um rochedo na praia da Arena Grande, em La Guardia, no

Continua na página 8

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 13.ª jornada

Vilanovense - S. BERNARDO	19-26
F.º d'Holanda - Académico	15-19
BEIRA-MAR - Gaia	16-7
Desp. Póvoa - Padroense	19-18
Ac.ª S. Mamede - Porto	adiado
Maia - Espinho	16-15

Jogo em atraso (11.ª jornada)

Vilanovense - Ac.ª S. Mamede . 14-19

Classificação

	J	V	E	D	Bolas	P
Porto	12	12	0	0	354-194	36
Maia	13	9	1	3	260-233	32
Espinho	13	8	1	4	270-257	30
Desp. Póvoa	13	7	2	4	224-234	29
Padroense	13	7	1	5	218-221	28
S. BERNARDO	13	6	2	5	240-235	27
Ac.ª S. Mamede	12	6	1	5	200-198	25
Académico	13	5	1	7	218-243	24
Vilanovense	13	5	0	8	197-240	23
BEIRA-MAR	13	3	3	7	211-227	22
F.º d'Holanda	13	0	3	10	220-269	16
Gaia	13	0	3	10	164-238	16

Próxima jornada — dia 30

S. BERNARDO - F.º d'Holanda
Gaia - Vilanovense
Académico - Desp. Póvoa
Porto - BEIRA-MAR
Padroense - Maia
Espinho - Ac.ª S. Mamede

Beira-Mar, 16 Gaia, 7

Jogo no Pavilhão do Beira-Mar, na noite de sábado passado, sob arbitragem dos srs. José Monteiro e

Continua na página 8

XADREZ DE NOTÍCIAS

A dupla aveirense formada por Francisco Ramos e Manuel Bastos dirigiu já os desafios Sport Conimbricense - Atlético e Porto - Benfica, do Campeonato Nacional da I Divisão, em basquetebol.

No mês de Janeiro, o calendário de provas de Corta-Mato e de Estrada da Associação de Desportos de Aveiro indica-nos a realização, na zona aveirense, das seguintes competições:

Dia 7 — IV Grande Prémio de Cacia. **Dia 14** — Estafeta S. João da Madeira - Vale de Cambra. **Dia 21** — Corta-Mato de Abertura, em Arada — Ovar. **Dia 28** — Corta-Mato Universitário e I Cross do Sport Clube Beira-Mar, ambos em Aveiro.

Na selecção nacional para os jogos Marrocos - Portugal (marcados para Casablanca, em 29 e 30 de Dezembro), integrados na preparação da nossa equipa para o Campeonato da Europa de 1979, foi integrado o basquetebolista Carlos Santiago, do Sangalhos.

Os principais torneios distritais da Associação de Futebol de Aveiro foram interrompidos, na presente quadra festiva de Natal e Ano Novo, reatando-se na semana próxima, com jogos nos dias 6 e 7 de Janeiro.

A Associação de Desportos de Aveiro mandou efectuar um inquérito às ocorrências verificadas (segundo o relatório dos árbitros) no final do jogo Galitos - Beira-Mar, da primeira jornada da segunda volta do Campeonato de Aveiro, em juniores.

A Federação Portuguesa do Remo, de acordo com o plano de preparação e selecção de remadores com vista à participação nos Campeonatos Mundiais de 1979, levou a efeito, em Vila Franca de Xira, as primeiras regatas de observação de tripulações, destinadas a atletas de clubes da Zona Sul.

Houve provas contra-relógio, num percurso de 9.000 metros, em que tomaram parte catorze remadores, de três clubes: Associação Naval de Lisboa, Clube Ferroviário e Desportivo da C.U.F.

Num jogo de andebol em atraso, a contar para o Campeonato de Aveiro, o Beira-Mar derrotou o S. Bernardo (22-11), em equipas femininas, assegurando a renovação do título distrital.

Campeonato Nacional da I Divisão

Margem robusta, num triunfo indiscutível

Benfica, 5 Beira-Mar, 1

Jogo em Lisboa, no Estádio da Luz, sob arbitragem do sr. Américo Barradas, coadjuvados pelos srs. António Rodrigues e Aurélio Marques — «trio» da Comissão Distrital de Setúbal.

As equipas alinharam deste modo:

BENFICA — José Henrique; Bastos Lopes, Humberto, Alhinho e Alberto; Toni, Alves e Sheu; Chalana, Reinaldo e Néné.

BEIRA-MAR — Padrão; Soares, Quaresma, Lima, Sabú e Manecas; Veloso e Sousa; Niromar, Garcês e Germano.

Substituições — No Benfica, aos 85 m., entrou Jorge, rendendo Reinaldo; no Beira-Mar, no início da segunda parte, alinharam Leonel e Keita, ficando nos balneários Soares e Garcês.

Suplentes não utilizados — Cardoso, Pereirinha, Eurico e Cavungi, no Benfica; e Rola, Cremildo e Camegim, no Beira-Mar.

Ao intervalo, havia 2-0, com golos apontados por REINALDO, aos 14 m., e por NÉNÉ, aos 23 m.

Após o intervalo, NIROMAR, aos 48 m., fez o ponto de honra do Beira-Mar. Mas o Benfica obteve mais três tentos, por intermédio de REINALDO, aos 69 m., NÉNÉ, aos 73 m., e QUARESMA (na própria baliza), aos 78 m. — fixando em 5-1 o score final.

Um triunfo totalmente merecido, mas, fora de dúvida, expresso por dilatada margem de golos, a constituir imerecida punição para os beiramarenses, cujo labor justificava derrota menos contundente. Talvez o 4-2 estivesse mais ajustado ao que se passou no decurso dos noventa minutos.

Refira-se, de facto, que ainda com o marcador em branco, José Henrique desviou para corner um remate «venenoso» de Niromar... Já na segunda parte, quando o marcador indicava 2-1 e o Beira-Mar tinha esgotado as substituições regulamentares, houve um aparatoso choque entre o guarda-redes Padrão e o defesa Quaresma — forçando a interromper-se o jogo por alguns minu-

Continua na página 8

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 20 DO «TOTOBOLA»

7 de Janeiro de 1979

1 — Sporting - Boavista	1
2 — Guimarães - Varzim	1
3 — Estoril - Académico	1
4 — Famalicão - Marítimo	1
5 — Beira-Mar - Belenenses	1
6 — A. Viseu - Braga	2
7 — Barreirense - Benfica	2
8 — Porto - Setúbal	1
9 — A. Lordelo - Espinho	2
10 — Leixões - Riopele	1
11 — Peniche - U. Lamas	X
12 — U. Coimbra - U. Leiria	X
13 — Atlético - Olhanense	X

ARQUIVO

Resultados da 14.ª jornada

V. Setúbal - Barreirense	0-0
Porto - Ac.º Viseu	6-1
Benfica - BEIRA-MAR	5-1
Braga - Famalicão	1-0
Belenenses - Estoril	1-1
Marítimo - V. Guimarães	1-2
Ac.º Coimbra - Sporting	0-0
Varzim - Boavista	1-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	14	11	0	3	31-8	22
Porto	14	8	5	1	26-10	21
Braga	14	8	3	3	24-12	19
Sporting	14	7	4	3	17-12	18
Varzim	14	6	5	3	17-12	17
Belenenses	14	5	5	4	23-20	15
V. Guimarães	14	6	3	5	19-16	15
Barreirense	15	5	3	6	12-14	13
V. Setúbal	14	5	3	6	13-17	13
Famalicão	14	4	5	5	9-13	12
Estoril	14	3	6	5	13-22	12
Boavista	14	4	3	7	14-18	11
Ac.º Coimbra	14	3	5	6	9-14	11
BEIRA-MAR	14	4	1	9	22-30	9
Marítimo	14	2	4	8	11-22	8
Ac.º Viseu	14	4	0	10	7-27	8

Próxima jornada — sábado

Barreirense - Porto
Ac.º Viseu - Benfica
BEIRA-MAR - Braga
Famalicão - Belenenses
Estoril - Marítimo
V. Guimarães - Ac.º Coimbra
Sporting - Varzim

Domingo, (à tarde), na T.V.

Boavista - V. Setúbal

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 14.ª jornada

ZONA NORTE

Penafiel - Paredes	4-1
Tadim - Leixões	0-0
LUSITANIA - Gil Vicente	(a)
Fafe - Salgueiros	2-0
Riopele - Aves	3-1
Paços Ferreira - Chaves	2-1
Vianense - Aliados	1-0
Rio Ave - ESPINHO	3-2

(a) — Adiado, devido ao mau tempo

ZONA CENTRO

ALBA - Covilhã	0-0
Caldas - U. Coimbra	0-1
FEIRENSE - RECREIO	(a)
OLIVEIRA BAIRRO - LAMAS	(a)
Torriense - Portalegrense	2-1
U. Leiria - Marinhense	3-1
Estrela - U. Santarém	3-0
U. Tomar - Peniche	2-1

(a) — Adiados, devido ao mau tempo

Classificações

ZONA NORTE — Penafiel, 20 pontos. ESPINHO, Riopele e Rio Ave, 19. Leixões e Fafe, 18. Salgueiros e Paços de Ferreira, 16. LUSITANIA, 14. Gil Vicente e Paredes, 12. Vianense, 11. Chaves, 9. Desportivo das Aves, 8. Aliados de Lordelo, 7. Tadim, 6.

ZONA CENTRO — LAMAS, 24 pontos. União de Leiria, 21. FEIRENSE e Estrela de Portalegre, 16. União de Santarém e Covilhã, 14. RECREIO DE ÁGUEDA, União de Coimbra e Peniche, 13. OLIVEIRA DO BAIRRO, Marinhense e União de Tomar, 12. Portalegrense, 11. Caldas e ALBA, 10. Torriense, 9.

Próxima jornada — sábado
(jogos dos clubes aveirenses)

Paredes - LUSITANIA
ESPINHO - Penafiel

Continua na página 8

CAMPEONATOS DE AVEIRO

JUNIORES — MASCULINOS

Resultados da 8.ª jornada

GALITOS - ESGUEIRA	82-36
BEIRA-MAR - A.R.C.A.	76-46

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Galitos	7	5	2	490-393	17
Sangalhos	6	5	1	407-301	16
A.R.C.A.	7	3	4	466-447	15
Beira-Mar	6	3	3	408-339	12
Esgueira	6	0	6	241-523	6

Próxima jornada — 6 de Janeiro

SANGALHOS - GALITOS
ESGUEIRA - BEIRA-MAR

Continua na página 8

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR:
ANTÓNIO LEOPOLDO